



Pratt e Rorschach: uma leitura fenomenológica

Pratt and Rorschach: a phenomenological approach

Marta Helena de Freitas
Universidade Católica de Brasília
Brasil

Resumo

Este ensaio estabelece algumas comparações aproximativas entre as concepções do filósofo americano James B. Pratt (1875-1944) e do psiquiatra suíço Herman Rorschach (1884-1922), a partir de uma leitura fenomenológica inspirada nas contribuições de Husserl e Merleau-Ponty. Tal leitura retoma, principalmente, os conceitos “fundo de sentimento vital”, em Pratt, e “tipo de vivência”, em Rorschach, e seus respectivos fundamentos teórico-filosóficos e os coloca em diálogo com outros conceitos de autores de sua época, em especial de Freud e Jung. Tomando-se como fio condutor as relações entre o fundo irrefletido e a atividade reflexiva que caracterizam a existência humana, conclui-se que tanto Pratt como Rorschach buscaram reenviar, por meio de seus conceitos e instrumentos, e cada um a seu modo, às contínuas transformações e às diferentes modalidades de realizações da intencionalidade psíquica.

Palavras-chave: Pratt; Rorschach; fenomenologia; psicologia da religião; personalidade

Abstract

This essay provides some estimated comparisons between the conceptions from the American philosopher James B. Pratt (1875-1944) and from the Swiss psychiatrist Herman Rorschach (1884-1922), based on the phenomenological approach from Husserl and Merleau-Ponty. The main focus of these comparisons are the concepts of the “vital feeling background”, by Pratt, and the “experience type”, by Rorschach, along with their theoretical and philosophical principles, which are put in connection with the concepts from other authors of their time, especially Freud and Jung. In these connections, the main thread of discussion is the relationship between the unreflective background and the reflective activity that characterize human existence. The conclusion is that both Pratt and Rorschach attempted to resubmit, through their concepts and instruments, and each one in their own way, to the continuous changes and the different modalities of achievement of the psychic intentionality.

Keywords: Pratt; Rorschach; phenomenology; psychology of religion; personality

Introdução

Toda ação ou todo conhecimento que não passam por esta elaboração [do que vivemos no mundo] e querem propor valores que não tenham tomado corpo em nossa história individual ou mesmo coletiva, “ou bem”, o que dá no mesmo, escolher os meios por um cálculo e por um proceder inteiramente técnico acabam aquém dos problemas que desejavam revolver (Merleau-Ponty, 1960/1980, p. 175).



De uma primeira visada pareceria haver nada em comum entre o filósofo americano James B. Pratt (1875 – 1944) e o psiquiatra suíço Herman Rorschach (1884 – 1922), a não ser o fato de ambos terem sido contemporâneos e vivido num período em que se registrou verdadeira efervescência intelectual em torno do tema religião. De fato, como indicam vários historiadores deste campo (Rosa, 1971/1992; Brown, 1973; Byrnes, 1984; Beit-Hallahmi, 1989; Paiva, 1990; Wulff, 1997; Abreu & Silva, 1999), entre os anos de 1890 e 1920, em consonância com o movimento intelectual da época, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, os estudiosos pareciam considerar o fenômeno religioso um objeto muito interessante e propício à investigação psicológica, de modo que, tanto Pratt quanto Rorschach, embora com objetivos e metodologias muito diversos, também se dedicaram ao assunto.

Por outro lado, se, de um lado, Pratt ficou conhecido principalmente pelas suas contribuições no campo da chamada psicologia da religião, sendo frequentemente apontado como um dos principais pioneiros neste campo, com Rorschach isso não se passou da mesma forma. Poucos profissionais ou estudantes em psicologia têm conhecimento dos estudos sobre os fundadores de seitas religiosas desenvolvidos pelo autor do famoso método de psicodiagnóstico que levou seu nome e que é até hoje empregado com muito êxito no campo da psicologia clínica. De fato, praticamente nenhum livro ou manual sobre o tão reconhecido método e seu respectivo autor trazem estas informações e é escassa a literatura concernente ao tema. Como exemplo dos exíguos trabalhos disponíveis em língua latina, encontram-se um obra organizada por Ellemberger (1967), um capítulo de Abreu e Silva (2004) e os trabalhos realizados por Freitas (2002, 2005). Este ensaio pretende ser mais uma contribuição nesta direção e tem como objetivo principal mostrar como que, de um ponto de vista fenomenológico, pode se encontrar muitas afinidades entre as concepções fundantes de ambos os estudiosos, Pratt e Rorschach, ainda que tais concepções tenham dado origem a diferentes métodos de investigação e que, pelo menos aparentemente, ambos não tenham sequer chegado a conhecer os trabalhos um do outro.

Pratt e Rorschach: divergências e convergências

No intuito de tornar mais explícitas algumas divergências e convergências entre os dois estudiosos, alguns elementos importantes acerca da biografia e produção intelectual de ambos - origem, período de vida, formação, principais trabalhos, concepções filosóficas, principais influências, concepções religiosas, concepção de personalidade, conceitos básicos, sujeitos pesquisados, instrumentos elaborados - são apresentados sumariamente no Quadro 01. Como se pode constatar no referido quadro, Pratt (1875 – 1944) e Rorschach (1884 – 1922) foram contemporâneos, sendo que o primeiro teve um tempo de vida bem mais longo que o segundo. Isso inclusive, dentre outros fatores, como se verá a seguir, explica a produção mais



significativa de Pratt em termos de número de obras publicadas, em geral livros, ainda em vida.

Rorschach viveu mais tempo longe do mundo acadêmico, atuando como assistente médico em clínicas psiquiátricas (Münsterlingen e Waldau, Berna, na Suíça, e Münsingin, na Alemanha). Embora ele mantivesse relações com vários pesquisadores e cientistas de sua época e contexto cultural (dentre eles, Bleuler, Monakow, Jung, LudwigBinswanger, Eugene Minkowski, além do grupo psicanalítico suíço e diversos filósofos da Rússia), a sua principal obra - "O Psicodiagnóstico" - surgiu longe das universidades, dos laboratórios e das bibliotecas, numa pequena clínica psiquiátrica. Já Pratt, por outro lado, era filósofo, docente universitário no *Williams College*, nas áreas de psicologia, história da filosofia e história da religião, tendo se dedicado plenamente à vida acadêmica, boa parte dela em pleno centro cultural e científico de Nova Iorque.

Em relação às concepções de mundo, Pratt se intitulava um filósofo de tipo realista pessoal, posição influenciada pelo pragmatismo de C. Pierce e W. James, tendo inclusive realizado a sua tese de doutoramento sob a orientação deste último. Rorschach, por sua vez, compartilhava dos ideais próprios do romantismo alemão e procurou conciliar contribuições vinda de fisiologia, em Mourly Vold, da psiquiatria francesa, em Pierre Janet, e da psicanálise, em Freud e Jung, como se pode ler em Ellenberger (1967), seu biógrafo, ou em Abreu e Silva (2004), que traça um perfil dos fundadores de seitas estudados por Rorschach. Entretanto, mesmo considerando-se as especificidades de cada uma destas correntes filosóficas, uma leitura fenomenológica acerca do modo como cada um desenvolveu suas ideias, e respectivas concepções sobre a vida psíquica, leva a constatar que, em alguma medida, elas têm muitas similaridades, como se pretende deixar mais claro ao longo deste ensaio.

Quadro 01: Comparativo entre Pratt e Rorschach

	J. B. PRATT	H. RORSCHACH
ORIGEM	Norte Americana - EUA	Européia - Suíça
PERÍODO DE VIDA	1875 - 1944	1884 - 1922
FORMAÇÃO	Filosofia - Professor	Psiquiatria - Clínico



PRINCIPAIS TRABALHOS	<i>Psychology of Religious Belief</i> (livro), Nova Iorque, 1907. <i>What is pragmatism?</i> , <i>ibid.</i> , 1909. <i>The religious consciousness</i> , <i>ibid.</i> , 1920. <i>Matter and Spirit</i> , <i>ibid.</i> , 1920. <i>Personal Realism</i> , <i>ibid.</i> , 1927. <i>Naturalism</i> , <i>ibid.</i> , 1938. <i>Why religions die</i> , <i>ibid.</i> , Berkeley, 1940.	<i>Reflexhalluzinationen und verwandte Erscheinungen</i> ¹ (Tese de doutorado), Zurich, 1912. <i>Reflexhalluzination und Symbolik</i> ² (artigo), 1912. <i>Einiges über schweizerische Sekten und Sektengründer</i> ³ (artigo), 1917. <i>Weiteres über schweizerische Sektenbildungen</i> ⁴ (artigo), 1919. <i>Sektierestudien</i> ⁵ (artigo), 1920. <i>Psychodiagnostik</i> ⁶ (livro), Verlag / Berna / Leipzig, 1921.
CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS	Realismo personalista	Romantismo alemão
PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS	Pragmatismo Peirce e W. James	Fisiologia – Mourly Vold Psicanálise – Freud e Jung Fenomenologia – L. Binswanger
CONCEPÇÕES RELIGIOSAS	Cristão – Protestante	Cristão - Acreditava numa "corrente espiritual" fluindo através dos séculos.
CONCEPÇÃO DE PERSONALIDADE	Fundo invisível e dinâmico, de cujas raízes se nutrem afetos, desejos e impulsos e de onde emergem pensamentos, raciocínio lógico e diferenciações ideativas.	Núcleo invisível, em constante elaboração e atividade e que, consciente ou inconscientemente, co-determina pensamentos e atos conscientes.
CONCEITOS BÁSICOS RELACIONADOS	"Fundo de sentimento vital" Tipos de crença: perceptiva, intelectual, afetiva e volitiva	Tipos de vivência: introversivo, extratensivo, coartado e coartativo "Função do real"
SUJEITOS PESQUISADOS	População normal	População psiquiátrica, principalmente
INSTRUMENTO ELABORADO	Questionário Pratt sobre Crença Religiosa	Método de Rorschach (Psicodiagnóstico)

Segundo a concepção de personalidade apreendida a partir das proposições de Pratt (1907), poder-se-ia distinguir, na vida mental, além dos aspectos racionais, cognitivos e representativos, dois outros tipos de material psíquico: "o sentimento e o que é conhecido como o fenômeno do "background" (pano de fundo, cenário)" (p. 9). As coisas que estão nesse

¹Sobre as "alucinações reflexas" e outras manifestações análogas.

²Alucinação reflexa e simbolismo.

³Algo sobre seitas suíças e fundadores de seitas suíças.

⁴Algo mais sobre as seitas suíças.

⁵Estudos sobre sectários.

⁶Psicodiagnóstico.



pano de fundo são privadas, mas caso se fixe a atenção nelas, poderiam tornar-se comunicáveis. Por outro lado, estas mesmas coisas, "ainda enquanto na região marginal e ainda enquanto não percebidas e não conhecidas" (idem, p. 10), teriam um efeito sobre o tom geral da vida consciente, colorindo a vida, no sentido afetivo do termo. Esta espécie de pano de fundo da vida mental, a que o autor designou de "fundo de sentimento vital", é assim descrita e relacionada às demais funções psíquicas:

A sensação e a ideação remetem-nos ao mundo exterior retirado de nós pelo espaço e o tempo; a massa sentimental de que eu falo está indissolivelmente conectada com nossas funções vitais. Tanto o quanto nós somos conscientes destas funções todas, aquela consciência pertence principalmente à vida afetiva. "*Coenesthesia*" - como o termo alemão *Gemeingefühl* implica - é um caso de sentimento, num sentido amplo. Os ritmos conscientes dos processos corpóreos - especialmente os que indicam condições de saúde ou doença - são somados neste sentimento marginal comum. *Em suma, podemos dizer que a ideação é a consciência de um homem enquanto ser racional; seu fundo sentimental/afetivo é sua consciência de organismo vivo. É isto que está em conexão com nossas necessidades vitais.* Os desejos instintivos e os impulsos têm suas raízes lá, e de lá se nutrem; as reações inatas ao meio, enquanto conscientes, as antipatias e as tendências congênitas, nosso amor e ódio mais profundos - tudo são partes deste "fundo" e crescem a partir dele. De fato, tão inextricavelmente ligado está ele à vida e tudo o que ela significa que bem poderia ser chamado de fundo *vital* (Pratt, 1907, pp. 14-15, grifo nosso).

Também uma concepção de personalidade semelhante pode ser apreendida a partir dos fundamentos do Método de Rorschach (1921/1974), e que é decorrente da noção de "tipo de vivência" ou "tipo de ressonância íntima". Tal noção constituiu-se como que no núcleo do referido instrumento de psicodiagnóstico (Ellemerger, 1967) e pode ser compreendida como sendo a mais íntima e essencial capacidade de ressonância com as experiências da vida e respectiva elaboração inconsciente.

O aparelho de vivência com o qual o indivíduo *experimental* é um sistema muito mais amplo do que o aparelho com o qual o indivíduo *vive*. Para experimentar, o indivíduo possui uma série de registros dos quais ele costuma utilizar, em suas ações da vida, apenas alguns e a tal ponto que, frequentemente, recai na estereotipia (Rorschach, 1921/1974, p. 91, grifo do autor).

Segundo o autor do famoso psicodiagnóstico, haveria, junto ao enlace natural entre as percepções isoladas por meio de "associações", um caminho muito mais direto através do sistema cinestésico. Assim, por meio dos fenômenos "cinestésicos", as percepções óticas seriam fixadas diretamente por baixo do umbral da consciência idiocineticamente. Estas percepções seriam, posteriormente, re-vivenciadas conscientemente como cinestésicas ou, ainda, "retraduzidas" inconscientemente em impressões óticas. Este princípio foi aplicado na elaboração do teste, cujas lâminas poderiam ser consideradas como uma espécie de espelho,



no qual os estímulos óticos ativariam imagens cinestésicas, que seriam, por sua vez, projetadas sobre as manchas de tinta e percebidas como pareidolias.

Além dos conceitos de personalidade, aqui muito resumidamente apresentados, chama a atenção também o fato de ambos terem recorrido a aspectos da fisiologia para explicar a constituição e funcionamento da vida mental e, ainda, terem procurado estabelecer relações entre esta última e o passado do indivíduo, tanto em termos ontogenéticos como filogenéticos. Algumas semelhanças nesse sentido podem ser constatadas a partir do que diz Pratt (1907), no capítulo I do seu livro *Psychology of Religious Belief*, e do que diz Rorschach (1921/1974), no capítulo IV do seu *Psicodiagnóstico*.

Segundo Pratt (1907), o fundo de sentimento vital seria, na verdade, uma espécie de forma primária de consciência, mantendo íntima e direta relação com a vida do organismo. Todas as formas inferiores de vida teriam pouco dessa forma primária e tanto a sensação, como a percepção e, ainda, as funções psíquicas chamadas superiores, como a ideação, emergiriam a partir daí. Para o filósofo americano, “o processo parece análogo àquele da evolução biológica, e pode ser muito bem descrito pela definição de Spencer: um progresso desde a homogeneidade incoerente e indefinida até uma heterogeneidade coerente e definida, através de sucessivas diferenciações e integrações (idem., p. 17). Assim, por meio dessa massa de sentimento não-racional, o ser humano estaria ligado com seu próprio passado, com seus ancestrais, com a própria espécie e etnia e, até, num certo sentido, a todas as outras coisas vivas. Este fundo de sentimento vital o colocaria permanentemente em contato, de uma maneira perfeitamente natural, com um meio mais amplo do que, simplesmente, a capacidade de raciocínio, ligando-o, de certa maneira, tanto ao que está ausente no espaço, mas também com o passado distante e, mesmo, com o futuro, num certo sentido. E a partir destes pressupostos, concluiu:

Em suma, a massa de sentimento é mais larga e mais profunda que os outros departamentos da vida psíquica, e mais estreitamente relacionada com o *self*. Uma mudança nela significa uma mudança de personalidade. Sensações e ideias têm uma natureza comunicável e universal; este resíduo não racional é peculiarmente privado e individual. É o determinante do caráter - num sentido é a própria personalidade e o próprio caráter. De lá a atividade prática retira a maior parte de sua energia e direcionamento. Por outro lado, embora de uma maneira peculiarmente individual em comparação com as ideias e as sensações, aquele resíduo parece, noutra sentido, mais universal que aquelas ideias e sensações, pois ele é ilimitado e parece se estender além de quaisquer fronteiras que possamos demarcar, e de ser sensível a influências para as quais nossa parte mais claramente consciente está inteiramente indiferente (Pratt, 1907, pp. 25-26).

Pratt chegou a estas concepções motivado pelo seu interesse no estudo da crença religiosa e seus diferentes modos de manifestação. Para ele, seria esse fundo de sentimento vital que estaria na base da chamada crença emocional, que procede diretamente desta



instância, a qual, por sua vez, em termos fenomenológicos, poderíamos designar de pré-predicativa. Ele estabelece, ainda, relações entre esta instância e as demais modalidades de crenças por ele descrita: a perceptiva, a intelectual e a volitiva.

Rorschach, por sua vez, iniciou seus estudos a partir do seu interesse nas chamadas alucinações reflexas, tema de sua tese de doutoramento (Rorschach, 1967c), na qual procurou combinar as contribuições do filósofo norueguês Mourly Vould, que havia se ocupado durante mais de 25 anos da psicofisiologia dos sonhos, com as contribuições psicanalíticas de Freud e da psicologia analítica de Jung. A sua genialidade teria lhe possibilitado ver, muito além dali onde outros normalmente veriam apenas duas teorias contrapostas (uma proveniente e adepta da psicofisiologia, e outra, decorrente do estudo do inconsciente), possibilidades de complementaridade. E foi a partir desta complementaridade que ele pode elaborar o seu método mais tarde, partindo do princípio de que, não só as alucinações reflexas ou os sonhos levariam aos fenômenos cinestésicos, mas também toda modalidade de atividade assimiladora e criadora. E a partir disso chega também à noção de tipo de vivência, a qual é compreendida como sendo a mais íntima e essencial capacidade de ressonância com as experiências da vida, ao mesmo tempo que se relaciona também com suas respectivas elaborações inconscientes.

Como se disse antes, o conceito de “tipo de vivência” constitui-se como que no núcleo do Psicodiagnóstico. Ellenberger (1967) chega a afirmar que, à época em que Rorschach o inventou, tratava-se de um conceito absolutamente novo e que não se assemelhava a nenhuma outra ideia então já apresentada em toda a psicologia ocidental. O biógrafo considera que o conceito que mais se aproximaria deste seria aquele dado pela psicologia hindu, ou seja, o conceito de *Karma*. Mas, este, tomado em sua acepção original, antes de ter sido posto em relação com o conceito de *samsara* (a cadeia sucessiva de reencarnações). *Karma*, em seu sentido primeiro, seria, então,

o incessante devir e agir de um invisível núcleo da personalidade que, mesmo inconsciente, é formado continuamente por nossos atos e pensamentos conscientes e que, por sua vez, contribui por sua parte a determiná-los: trata-se do indissolúvel vínculo existente entre um ser vivo e todos os seus atos anteriores (Ellenberger, 1967, p. 59).

Como pode ser constatado, no Capítulo IV do seu Psicodiagnóstico, Rorschach estabelece conexões entre o tipo de vivência e praticamente todos os demais aspectos da vida, partindo do princípio de que o mesmo revelaria a extensão do aparelho psíquico com o qual o indivíduo poderia viver. Esclarece que o tipo de vivência de um indivíduo não corresponde, necessariamente, ao psicograma geral dado pelo teste: "Ele apenas indica como o indivíduo *experimenta*, não como ele *vive* ou o que ele *ambiciona*." (Ellenberger, 1967, p. 91, grifo do autor). Admite, portanto, discrepâncias entre o tipo de vivência e a vida, mas que só poderiam ser explicados



pelo fato de a energia vital, o grau de energia ativa, atuante em determinado momento, a vontade, a libido, ou seja qual for o nome que se possa dar a isto, esteja dirigida apenas para uma parte das possibilidades de vivência. *Somente o impulso transforma os "momentos" disposicionais em tendências ativas* (Rorschach, 1921/1974, p. 91, grifo do autor).

Assim, ainda no Capítulo IV, após esclarecer o conceito em pauta, Rorschach apresenta vários elementos da relação entre o tipo de vivência de um indivíduo e demais aspectos da vida: a) o tipo de vivência e a vida; b) o tipo de vivência e os componentes da inteligência; c) o tipo de vivência e as perturbações; d) as variações temporárias do tipo de vivência habitual do indivíduo; e) as transformações do tipo de vivência no transcurso da vida, f) estudos comparativos sobre o tipo de vivência; g) a afetividade e o caráter; e) a imaginação; h) tipos de vivência e tipo de representação; i) o tipo de vivência e o tipo de alucinação; j) o tipo de vivência e os talentos; l) tipo de vivência, talento e impulso; m) tipo de vivência, caráter e talentos; n) tipo de vivência e enfermidade; o) o problema da evolução do tipo de vivência.

Sobre o último aspecto relacionado acima, Rorschach acreditava que, no transcurso da vida humana, o tipo de vivência evoluiria lenta, constante e autonomamente. Embora afirmasse não ter, ainda, elementos que pudessem levar ao reconhecimento da gênese do tipo de vivência, visualizava alguns pontos do que chamou "desta vasta rede de problemas causais" (Rorschach, 1921/1974, p. 124). Por outro lado, embora aparentemente não tivesse dado muita atenção à religião convencional e suas práticas, ele "sentia um profundo respeito diante dos enigmas do Universo, da vida e do homem" e tal "como certos filósofos do Romantismo alemão, imaginava uma corrente espiritual fluindo através dos séculos e expressando-se de modo múltiplo na vida dos povos e dos indivíduos humanos" (Ellemerger, 1967, p. 48). Enquanto estudioso, teria ele uma preocupação em achar uma chave para decifrar e compreender todas estas múltiplas formas de manifestação e, em sua opinião, esta seria possível de ser encontrada justamente no âmbito da fantasia criadora. Ao final de sua vida, teria acreditado encontrar a solução definitiva para tais problemas, que teria exposto, segundo seu biógrafo, de forma bastante incompleta, na sua obra mais importante, justamente o seu Psicodiagnóstico.

Tomando-se os principais conceitos básicos de Pratt (1907, 1921) e de Rorschach (1967a, 1967b, 1967c, 1967d, 1921/1974), conforme relacionados no Quadro 01, seria possível o estabelecimento de algumas relações entre eles, como por exemplo: a) crença perceptiva e crença intelectual X Função lógica, ou função do real⁷; b) crença emocional X polaridade introversivo-extratensivo; e d) "fundo de sentimento vital" X "tipo de vivência". Do ponto de vista teórico, tais relações podem ser estabelecidas a partir das obras dos próprios autores, mas colocando-as em diálogo com as concepções do pragmatismo de Peirce e com as noções da psicanálise, em Freud e Jung, e discutidas à luz das contribuições oferecidas pela

⁷Em francês, *fonctionduréel*, termo introduzido na França por Pierre Janet.



fenomenologia, conforme se verá em mais detalhes nos dois próximos itens deste ensaio. Já do ponto de vista empírico, estas relações foram investigadas mais detalhadamente em outros trabalhos sobre instrumentos elaborados por cada um e seus respectivos fundamentos (Freitas, 2002; 2005; 2006).

Quando Pratt (1907) elaborou o seu Questionário Pratt sobre Crença Religiosa, que contém dez questões, algumas delas desdobradas em subitens, tinha em mente o estudo do fenômeno religioso nas chamadas pessoas "normais". Em sua pesquisa, inclusive, abandonou os sujeitos compreendidos como "pessoas excêntricas" ou "extremistas". Já com Rorschach (1921/1974), em relação à elaboração do seu Psicodiagnóstico, poder-se-ia dizer que ocorreu quase exatamente o oposto: embora não tenha abandonado o estudo das pessoas consideradas normais, naquilo que diz respeito ao estudo dos fenômenos relacionados à crença religiosa, optou pelo estudo aprofundado e analítico exatamente daqueles que, com certeza, seriam considerados por Pratt como "extremistas" e "excêntricos", como o foram Johannes Binggeli e Anton Unternährer. Ambos os casos foram apresentados em dois de seus trabalhos: "*Los fundadores de sectas suizas* (Binggeli-Unternährer) (Rorschach, 1967a) e "*Sobre las sectas suizas e sus fundadores*" (Rorschach, 1967d).

Em que pesem as diferenças entre ambos os instrumentos:

- a) Um, cujos estímulos são essencialmente verbais, e que se propõe a investigar elementos conscientes da crença religiosa - dada por uma tarefa de natureza discursiva; sintagmática, portanto - e, a partir da análise das respostas, chegar-se àquilo que seria o "fundo de sentimento vital", como é o caso do Questionário Pratt sobre Crença Religiosa; e
- b) outro, cujos estímulos são essencialmente formais, e que se propõe a investigar aspectos inconscientes da personalidade - dado por elementos não discursivos e linguísticos; paradigmáticos, portanto - e, a partir do material assim produzido, chegar-se àquilo que caracterizaria o tipo de vivência e suas relações com os aspectos de ordem intelectual, social e afetiva;

A tese aqui defendida é a de que, sob muitos aspectos, esses instrumentos guardam entre si semelhanças e complementaridades, naquilo que revelam sobre o modo de ser dos sujeitos que a eles se submetem de maneira mais ou menos espontânea e que se veem, em ambas as situações, profundamente mobilizados.

Do ponto de vista fenomenológico, as comparações que se pretende fazer entre as concepções de J. B. Pratt e H. Rorschach devem ser guiadas por um esforço de compreender como foi que cada um chegou às suas respectivas tipologias - no primeiro caso, as modalidades da crença religiosa - primitiva, intelectual, emocional e volitiva; no segundo caso, do tipo de vivência - introversivo, extroversivo, ambigüal, coartado e coartativo. Parte-se do princípio de que, cada um a seu modo, chegou às referidas modalidades sem seguir modelos inspirados na busca de sintomas e cifras, mas sim, de um modo que se poderia chamar "bastante intuitivo". Nesse sentido, mesmo tendo apresentado previamente seus



respectivos fundamentos teóricos, parte-se do princípio de que ambos colocaram muito mais nos instrumentos que elaboraram do que aquilo que puderam desenvolver conceitualmente. Especialmente no caso de H. Rorschach, cuja morte sobreveio de maneira abrupta, quando ele mesmo reconhecia que seu arcabouço teórico ainda era insatisfatório para fundamentar adequadamente o seu Psicodiagnóstico. Buscar-se-á, portanto, na fenomenologia, fundamentos que possam sustentar essa análise comparativo/aproximativa, permitindo compreender elementos implícitos e já presentes desde as concepções originárias de ambos os instrumentos.

Uma leitura fenomenológica

Os propósitos desta leitura exigem o abandono de julgamentos ideológicos com relação aos diferentes caminhos tomados pela linguagem filosófica e científica, rompendo com a tendência de se superestimar os métodos indiretos em detrimento das percepções diretas. Ou seja, para falar nos termos de Husserl (1911/1967), a radicalidade exige independência de ideias preconceituosas que provêm ainda da Renascença e que levam a qualificar mais o *status* filosófico em si do que suas próprias origens. Neste sentido: “Não é preciso postular-se que se veja com os próprios olhos, mas antes que se deixe de eliminar o visto numa interpretação que os preconceitos impõem” (Husserl, 1911/1967, p. 43).

Isto posto, vale ressaltar, então, que, ao se apontar aqui possíveis correspondências conceituais entre Pratt e Rorschach, tem-se em mente um exercício de aproximações que não visa a simplesmente abolir ou desconsiderar as diferenças entre os mesmos. Embora reconhecendo que não se pode, naturalmente, fechar os olhos para os pressupostos históricos que encaminham a elaboração de ambos os instrumentos: uma teologia implícita, protestante liberal, típica da cultura americana da época está presente nas proposições de Pratt, enquanto que, nas concepções de Rorschach, acenam-se claramente as tendências vitalistas, também presentes nas artes e em boa parte da filosofia europeia do início do século XX. Entretanto, o que se quer apreender, a partir da leitura fenomenológica aqui proposta, é justamente o que há de comum entre tais conceitos, no sentido de reenviar, cada um a seu modo, às contínuas transformações e às diferentes modalidades de realizações da intencionalidade psíquica.

Em outras palavras, parte-se do princípio de que a linguagem, em Pratt e Rorschach, reflete o esforço de ambos para expressar suas respectivas compreensões da riqueza obscura do ser. Poder-se-ia afirmar, a partir do que ensina Cassirer (1925/1973): cada um a seu modo procurou formular conceitos que exprimissem, da melhor forma possível, uma série de impressões fugidias e sempre semelhantes que lhe batiam aos sentidos, num sério esforço de colocá-las em relação com outras, até formarem um complexo maior, procedido de maneira discursiva e conceitual. Ocorre que, em ambos, houve um reconhecimento implícito de que



os sentidos forneceriam as *idéias elementares* (Langer, 1941/1989) ao pensar racional e reflexivo, incorporando toda a atividade mental à razão. Isto fica ilustrado, essencialmente, em seus respectivos conceitos de "fundo de sentimento vital" (Pratt, 1907) e "tipo de vivência" (Rorschach, 1921/1974), já apresentados anteriormente, de cujo seio emergiriam todas as demais potencialidades humanas, dentre elas, o intelecto. O próprio modo como Rorschach (1921/1974) cria seu método é um claro exemplo daquilo que Peirce (1931-1958/1995) qualificou como abdução - uma espécie de *insight*, para o qual seu próprio autor não conseguiu, de saída, oferecer uma razão lógica que se sustentasse do ponto de vista científico, tal como exigido pelo iluminismo ou pelo positivismo reinante. Ironicamente, num claro exemplo de um pragmatismo perverso (e, certamente, às avessas ao que propunha Peirce e, mais ainda, ao romantismo de Rorschach), o mesmo método foi resgatado posteriormente, segundo o modelo indexial, nos Estados Unidos - justamente onde encontrara inicialmente maior resistência (Klopfer & Kelly, 1942/1974), no emprego para seleção de combatentes militares que serviam à II Grande Guerra Mundial.

Como filósofo, religioso, e partícipe integral do mundo acadêmico, Pratt (1907, 1921) apresentou um arcabouço instrumental essencialmente sintagmático: procurou dar conta, com o próprio recurso discursivo, dos diferentes níveis do psiquismo, apontados em suas respectivas descrições das modalidades de crenças: perceptiva, intelectual, emocional e, posteriormente, volitiva. Como clínico, artista, e não tão embrenhado na academia quanto o primeiro, Rorschach (1921/1974) não se satisfaz apenas com os recursos simbólicos mais específicos da linguagem: para além do discurso, seu instrumental buscou recursos formais, articulando outros modos de expressão do ser, como as percepções de forma, movimento e cor. O acesso ao núcleo básico de vivência e suas respectivas articulações com a função do real, neste caso, seriam dados por uma tarefa de natureza paradigmática. Como resultado, a possibilidade de descrições mais dinâmicas das modalidades vivenciais de coartação, introversão, extratensão e ambiguidade.

É compreensível que, no caso de Pratt (1907, 1921), a sua concepção intuitiva do "fundo de sentimento vital" e respectivas modalidades de crença religiosa se sustentassem sobre sua própria experiência pessoal como religioso. Como também, no caso de Rorschach (1921/1974), a concepção de seu método e respectiva descrição do "tipo de vivência" se alimentassem de sua própria sensibilidade artística e sentimento de religiosidade. Isto também estaria perfeitamente de acordo com o pragmatismo de Peirce (1931-38/1974), ao definir a qualidade da sensação, no campo da primeiridade - categoria daquilo que é originário, e assim resumida por Ghesti (2000):

Ela marca o campo da potencialidade, enquanto pura possibilidade. Não é algo que se percebe diretamente nos fatos, mas pode ser inferido deles, porquanto é entendido como aquilo que precede qualquer ocorrência e, portanto, qualquer possibilidade de observação direta. (...) A primeiridade



também pode ser pensada como aquele algo que possibilita o ser do quer que seja (p. 38).

Ou ainda, numa leitura fenomenológica: o sentir é que oferece a possibilidade de discriminação de formas (Merleau-Ponty, 1945/1999) e, conseqüentemente, das articulações possíveis no nível da linguagem, não apenas a de cunho poético/artístico, mas também e inclusive aquela de cunho teórico/conceitual. Esta última, é certo, se estabelece num outro plano de racionalidade. Ou, para falar nos termos de Husserl (1950/2000), num outro modo "do chamado dar-se [dos objetos] (*Gegebenheit*)" (p. 93). Mas, no caso de ambos os autores referidos aqui, tal racionalidade não se deu ao preço da mutilação ou empobrecimento do mundo da vida, ou seja: não houve exclusão das experiências e fatos humanos fundamentais por não serem passíveis de submeterem-se aos seus respectivos métodos. Pelo contrário, em ambos os casos, registra-se um imenso esforço de contribuição mais efetiva para compreensão da problemática humana. Qualifica-se os dois modos de racionalidade intuitiva como exemplos de atividades reflexivas, que apreendem seu sentido pleno justamente pela menção ao fundo irrefletido suposto por ela mesma e "do qual tira proveito, constituindo-se para ela como que um passado original, um passado que nunca foi presente" (Merleau-Ponty, 1945/1999, p. 325). Para muito além da mera redução do saber humano ao sentir, Pratt e Rorschach apontam para o nascedouro desse saber e, tornando-o tão sensível quanto o sensível, reconquistam uma consciência de racionalidade, onde a percepção oferece "o *logos* em estado nascente" e ensina, sem quaisquer dogmatismos, "as verdadeiras condições da própria objetividade", de onde emergem mais límpidas "as tarefas do conhecimento e da ação" (Merleau-Ponty, 1947/1989, p. 63). A filosofia e a ciência que Pratt e Rorschach exercitaram-se em produzir, por menor que fosse o aparato linguístico disponível na época, seria aquelas cujos sentidos legitimar-se-iam, em última instância, no mundo da vida. Este, sim, é que lhes conferiria fundamentação axiológica, estrutura intencional e doação originária.

Já em 1923, em artigo trazendo algumas observações sobre o Psicodiagnóstico de Herman Rorschach, Binswanger (1923/1967) discutia o conceito de percepção que, se apenas decorrente de uma teoria materialista, seguramente não se aplicaria adequadamente à prova de Rorschach, pois que, desde a instrução "O que poderia ser isso?", o examinando seria remetido a um exame da fantasia ou da imaginação ótica e cinestésica. Binswanger (1923/1967) lembra que Rorschach não haveria conhecido suficientemente bem a chamada psicologia moderna (provavelmente, referindo-se às contribuições da *Gestalt*) e não teria tido tempo para fazer um esclarecimento conceitual adequado e explicitar melhor o que entendia por percepção. Entretanto, reconhece que o modo como Rorschach trabalhava com o método e as análises dele derivadas mostram que esta seria melhor entendida como referindo-se a atos psíquicos, nos quais estavam contidos, simultaneamente, aspectos fenomenológicos, psicogenéticos e fisiológico-cerebrais. Isto daria, então, ao conceito uma completa



equivalência com o conceito de interpretação, eliminando-se as diferenças assépticas entre conteúdos autenticamente vistos e conteúdos meramente representados. Enfim, tudo isso ilustra o quanto Rorschach chegou à sua obra sem ter ainda o seu arcabouço teórico suficientemente pronto, colocando nela muito mais do que o que chegou a formular conceitualmente. Binswanger (1923/1967) aponta também o quanto o conceito de tipo de vivência desenvolvido a partir do Método de Rorschach contribui para a psicologia tipológica, sem incorrer, no entanto, nos tipos científico-naturais, dados pela tendência médico-psicológica da época. Ressalta que, mesmo sem ainda conhecer a fenomenologia de Husserl, a única que poderia proporcionar clareza absoluta sobre o assunto, Rorschach oferece uma descrição que pode supor um vínculo de união entre os tipos ideais, no sentido "científico-espiritual" (no sentido de Jaspers e Spranger) e os tipos científicos-naturais clínicos:

Pois com quanto mais agudeza e exatidão se determinam e definam os tipos psicológicos fenomenologicamente quanto à sua essencialidade e no sentido da legalidade estrutural espiritual, a resultados tanto mais claros e unívocos conduzirá sua investigação desde pontos de vistas científico-naturais (Binswanger, 1923/1967, p. 237).

Assim, a tipologia de Rorschach não se refere à captação da *pessoa* psíquica individual, e sim à busca de uma correspondência com a *estrutura* psíquica individual, já que seu método não se propõe a revelar como a pessoa vive, e sim como ela vivencia. Sabendo que não bastaria conhecer a estrutura psíquica e, sem conhecer a fenomenologia de Husserl, Rorschach teria buscado, então, o especificamente pessoal no instintivo-pulsional, em Freud, para explicar a conversão das disposições em tendências ativas.

Também Pratt (1907), a seu próprio modo, procurou formular as conexões entre o racional e o que está para quem ou além dele, num esforço de explicar a origem da energia e respectivo direcionamento da atividade prática e intelectual. Assim, ao referir-se, por exemplo, à modalidade de crença intelectual, descreve-a como decorrente do fato de se colocar em suspenso a crença perceptiva (e o termo percepção, neste caso, é usado para referir-se àquela concepção ingênua de que o mundo é aquilo que vemos), e de se levantar a dúvida concernente à existência do objeto da crença. Ela (a dúvida) seria, portanto, conforme palavras do autor, sempre "secundária" e, num certo sentido, "artificial". Ela surgiria da experiência com o mundo. Com relação à crença emocional, relaciona-a a vida interior, que tenderia a desclassificar as percepções e caracterizar-se por uma espécie de "confusão estrepitosa". Mas, admite também que "mesmo a mente lógica e ordeira do lógico mais seco" encontraria, no fundo de sua mente, com aquele "pano de fundo". Afirma também: "o pensamento, emergindo do fundo de sentimento, é uma experiência comum a todos" e "a máquina lógica humana seria uma invenção da imaginação", ou seja, ela seria o "último produto" que emerge de um "mar de sentimento vital" (Pratt, 1907, pp. 19-26). Ora, o estudo



sobre fenomenologia da percepção, em Merleau-Ponty (1945/1999), mostra como que o elemento intuitivo, para dar lugar ao elemento que se afirma puramente racional, deve ser colocado em suspenso, sendo aquele segundo sempre um objeto tardio de uma espécie de consciência científica. Daí porque o fenomenólogo afirmar que "a ciência", por pautar-se neste modelo de sujeição a supostamente lógico, "supõe a fé perceptiva", mas "não a esclarece" (Merleau-Ponty, 1971), pois que "o pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção" (1945/1999, p. 279). Neste sentido, como denunciara Husserl (1936-1954/1996), em relação à crise da humanidade europeia, o mundo da ciência, quando comprometido apenas com um modelo objetivista e matemático, embora também derivado do mundo da vida, acaba por promover a alienação do mesmo.

Tal como Rorschach, Pratt (1921), ao tomar conhecimento da noção de inconsciente, em Freud, busca nela elementos para descrever a influência do subliminal sobre o julgamento e sobre a vida prática. Mas, também como Rorschach, não se satisfaz plenamente com as noções freudianas: se ambos estão de acordo com Freud em vários aspectos, inclusive na interdependência do psiquismo para com o respectivo aparato biológico, qualificando a dimensão do corpo próprio na sua relação com a dimensão cultural, discordam da psicanálise exatamente naquilo que ela tem de excessiva generalização ou determinismo em relação à origem da energia psíquica, atribuída exclusivamente à sexualidade, ao mesmo tempo acompanhada de uma perspectiva desconfiada e patologizante da experiência religiosa.

De fato, a concepção de "tipo de vivência", em Rorschach (1921/1974), bem como a noção de "fundo de sentimento vital", em Pratt (1907), muito mais se aproximariam dos conceitos junguianos de "arquétipo" e "inconsciente coletivo", que propriamente das acepções mais especificamente freudianas de "pulsão" e "inconsciente" individual. Rorschach, por exemplo, tal como Jung, provavelmente insatisfeito com a insuficiência do inconsciente freudiano, que se mostrava limitado para fundamentar toda a riqueza do material encontrado com o seu criativo método, vai aproximar-se mais da psicologia oriental, conforme apontou Ellenberger (1967), ao estabelecer seu conceito, então inovador, de tipo de vivência - ou "tipo de ressonância íntima" - para referir-se "à mais íntima e essencial capacidade de ressonância às experiências da vida" (p. 59). Já J. B. Pratt (1907), de certo modo, chega a antecipar-se a Jung na definição do que chamou de "fundo de sentimento vital", conceito muito próximo da noção de "inconsciente coletivo", que este último passou a formular, a partir de 1913. Para este último, o "substrato comum" e que "ultrapassa todas as diferenças de cultura e de consciência" não consistiria apenas de conteúdos aptos a tornarem-se conscientes, mas de predisposições latentes e que "partem de uma base comum, cujas raízes mergulham no passado mais distante" (Jung, em Jung & Wilhelm, 1929/1984). Desta base originar-se-iam as diversas linhas do que Jung chamou de "desenvolvimento anímico", inclusive todas as representações e ações conscientes. Estas últimas poderiam



alcançar um nível de consciência quase que emancipada da imagem primordial inconsciente. Entretanto, essa suspensão, se levada ao extremo de uma consciência intelectual exaltada e unilateral, afastando-se demasiadamente das imagens primordiais, seria acompanhada de inúmeras peripécias, geradoras de grande sofrimento psíquico, que ele pode constatar em seus próprios pacientes. Por outro lado, uma ausência total ou uma baixa descolagem dos protótipos inconscientes também teria seu preço. Assim, "quando o consciente não atingiu ainda maior grau de clareza, isto é, quando depende - em todas as suas funções - mais do instinto do que da vontade consciente, e mais do afeto do que do juízo racional" (Jung, em Jung & Wilhelm, 1929/1984, p. 28), o indivíduo pode apresentar maior "saúde anímica primitiva", mas tornar-se muito mais facilmente desadaptado diante de situações que lhe exigiriam um esforço moral ou intelectual mais alto.

Também em seu conceito de "tipo de vivência", e, ao que indica, ainda sem conhecer todas as reflexões junguianas apontadas acima, Rorschach (1921/1974, p. 91) referiu-se às possíveis discrepâncias entre este e a vida, já que aquela "energia vital, o grau de energia ativa, atuante em determinado momento, a vontade, a libido, ou seja qual for o nome que se possa dar a isto" poderia ser dirigida apenas a uma parte das possibilidades de vivência. E, ao caracterizar o problema da evolução do tipo de vivência, o autor do "psicodiagnóstico" identifica a importância do pensamento disciplinado, ou seja, da "função lógica" ou "função do real", mas não ao ponto de sacrificar a própria capacidade de vivenciar, como seriam os casos dos meticolosos e intelectualistas puros, onde o tipo de vivência chega a alcançar extrema coartação dos momentos introversivos e extratensivos. Por outro lado, também as capacidades de introversão ou extratensão, quando levadas ao extremo, usurpando ou volatilizando o pensamento disciplinado, levariam a consequências nada saudáveis do ponto de vista adaptativo, em ambos os casos reduzindo ou até mesmo destruindo por completo a capacidade de adaptação afetiva: no primeiro caso, por excesso de abstração e estranheza ao mundo; no segundo, por excesso de estouvamento. Ou seja, em sua experiência clínica, Rorschach certamente constatou, tal como Jung, as mesmas peripécias que podem acompanhar tanto o mergulho total na "vida interior" como o movimento de suspensão absoluta da experiência fundamental em causa. Chama atenção, tanto em Jung quanto em Rorschach, que ambos tenham vivenciados uma certa ambiguidade em relação às suas próprias experiências místicas e também experimentado, em circunstâncias diferentes, momentos de profunda introversão. Poder-se-ia dizer que ambos preocuparam-se seriamente, cada um a seu modo, com a repercussão negativa que poderia decorrer de suas posições gnósticas e buscaram recursos diferentes para se protegerem de possíveis ataques iluministas e racionalistas. Referindo-se às contribuições de Jung para o esclarecimento do mundo dos símbolos, Augras (1980/1998) reconhece que a sua originalidade foi resultante justamente deste distanciamento do próprio irracionalismo para elaborar um *corpus* científico que dele se alimentasse. Certamente esta mesma espécie de originalidade se aplica também a



Rorschach.

Por outro lado, sabe que Rorschach (1921/1974) fez questão de ressaltar mais as diferenças do que as aproximações entre os seus conceitos de introversivo e extratensivo e os conceitos junguianos de introvertido e extrovertido. Entretanto, ao fazer esta distinção, conforme aponta Bash (1967), certamente não considerou a própria evolução do pensamento de Jung. De fato, desde 1917 até 1921, mesmo ano em que foram publicadas os "Tipos psicológicos" de Jung e o "Psicodiagnóstico" de Rorschach, há uma evolução do pensamento junguiano, no sentido de abandonar as concepções mais especificamente tipológicas em favor de um entendimento mais dinâmico das relações entre as atitudes introvertidas e extrovertidas. Desse modo, Jung também passou a relacionar a polaridade introvertido-extrovertido às demais funções psíquicas, supondo-a não como correspondente a uma tipologia constitucional mutuamente excludente, mas como descritiva de funções e atitudes universalmente dadas. Todas as obras posteriores de Jung podem mostrar, sobre este aspecto específico, mais aproximações do que propriamente diferenças entre ambos.

Seria tarefa árdua e que extrapolaria os objetivos deste trabalho aprofundar na compreensão das semelhanças e diferenças entre o pensamento de Jung e Rorschach. Entretanto, fica registrada a impressão de que Rorschach, em 1921, teria alcançado mais profundamente a compreensão dos conceitos de introversão e extroversão do que poderia ter feito Jung à mesma época. Assim, conforme salienta McCully (1980), é de lamentar-se que ambos não tenham passado juntos horas a fio, discutindo suas ideias. Afinal, é como se Rorschach (1921/1974), ao estabelecer o seu conceito de Tipo de Vivência (*Erlebnistypus*), tivesse compreendido muito mais profundamente a dimensão de "último plano do vivido" (termo empregado por Husserl em "A síntese passiva", 1966/1998) do que o pudera fazer Jung à mesma época. Por outro lado também, é como se o próprio Jung tivesse plantado sementes (teste de associação de palavras, conferências assistidas por Rorschach, dentre outros) que brotaram posteriormente em solo fértil, regado pela sensibilidade criativa e independente do espírito de Rorschach.

Uma retomada do conceito de Espírito (do grego *Spiritus*), na filosofia, e seus respectivos desdobramentos ao longo das épocas, em diferentes correntes religiosas, filosóficas e religiosas, permitiria um enriquecimento da discussão acerca das possíveis aproximações fenomenológicas entre as concepções de base realista-pessoal em Pratt e as de fundamento romântico em Rorschach. Para os propósitos deste estudo, entretanto, vale por enquanto apenas ressaltar que, em ambos, há um entendimento de que não é somente espiritual aquilo que reporta diretamente ao intelecto, à racionalidade e à vontade. Assim, a despeito da polissemia do termo inconsciente, ao empregá-lo, ambos buscam, simultaneamente e com o aparato linguístico e filosófico de que dispunham até então, qualificar a abertura originária às funções superiores do homem - que lhe oferecem a capacidade da apreensão do universal, mas ressaltando que tal abertura se sustenta sobre



um fundo básico de corporeidade e afetividade. Daí a preferência de ambos por termos como "fundo de sentimento vital" ou "tipo de ressonância íntima", ao invés de simplesmente "instinto" ou "inconsciente".

Como se viu antes, Pratt falou de um "princípio vital" sob forma primária, tanto a nível filogenético quanto ontogenético, em cujo estado originário as sensações e ideações seriam ainda latentes, e que as dimensões vividas de tempo e de espaço encarregar-se-iam de promover as respectivas diferenciações ao longo da evolução do homem e da humanidade. Também Rorschach, acreditando firmemente numa corrente espiritual fluindo através dos séculos, propunha que, conforme o direcionamento da "energia vital", transformando "momentos" disposicionais em tendências ativas e ideacionais, ocorreria uma evolução de um estado mais primário em direção a uma finalidade ótima de desenvolvimento, cujas etapas poderiam ser identificadas num estudo longitudinal do indivíduo ao longo de sua história de vida, bem como da humanidade ao longo das épocas e das culturas. De novo, vale aqui lembrar as aproximações desta ideias com as concepções junguianas. Em sua obra *"L' Energetik der Seele"* (A energia psíquica), Jung (1928/1956) também referiu-se a um estado natural da "energia vital" que já conteria em si mesma um fluxo direcionado em pontos de diferenciação, que se expressaria nas ações e ideações humanas, ao longo do seu desenvolvimento individual e cultural. Nesse sentido, a cultura seria vista como "uma máquina que transforma energia vital em energia psíquica, sendo resultante de um processo de diferenciação evolutiva da natureza" (Mourão, 1997, p. 34).

Eixos de análise e determinantes do Método de Rorschach X Modalidades de crença religiosa em Pratt

Ao definir a pura fenomenologia, seu método e seu campo de investigação, Husserl (1928/1981) a caracteriza como "ciência da consciência pura", diferenciando-a da psicologia, que seria o estudo da consciência em seu sentido estritamente empírico. Em sua definição, consciência não seria uma substância ou uma instância, mas uma atividade constituída por atos (percepção, sentimento, imaginação, volição) com os quais visa-se sempre algo. Nesse sentido, a fenomenologia pura pretende chegar ao fundamento último do ser e de suas respectivas aparições à consciência, cuja intencionalidade seriam de duas espécies, uma temática (saber do objeto e do próprio saber sobre o objeto) e uma operante (visada do objeto em ato, ainda não refletida). Esta última, então, seria a essência buscada pela fenomenologia pura. Conforme esclarece Zilles, em sua introdução à obra "A crise da humanidade europeia e a filosofia" (Husserl, 1936/1996), por ele traduzida no Brasil:

A primeira tenta alcançar a segunda, que a precede, sem nunca consegui-lo.
O saber consciente só se exerce sobre este fundo de irrefletido, nessa



dimensão de vida que já é sentido porque visada de objeto, mas sentido ainda não formulado (idem, p. 30).

Em "A síntese passiva", Husserl (1966/1998) descreve diferentes níveis do vivido, considerando-se as diferentes modalidades de relações entre aquele saber irrefletido, pré-predicativo - ou vivido de último plano (que, pode-se dizer, Pratt e Rorschach chamaram, respectivamente, de "fundo de sentimento vital" e "tipo de vivência", como já se viu anteriormente) e o saber refletivo, predicativo - ou vivido de primeiro plano. O exercício reflexivo que resulta nestas possíveis aproximações entre os dois autores, apresentadas ao longo deste trabalho, jamais poderia ser designado como fenomenologia em seu sentido puro, dada a radical alteridade desta com a psicologia. Entretanto, considerando-se justamente as noções apreendidas daquela primeira, é possível, seguindo a via de um saber irrefletido - via intencionalidade temática - que busca continuamente alcançar o saber irrefletido - a intencionalidade operante - ainda que de modo sempre incompleto, buscamos aprofundar estas reflexões a partir de uma comparação entre os eixos de análise e os determinantes dados pelo Método de Rorschach e as modalidades de crença descritas por Pratt. Tal exercício resultou nos Quadros 02 e 03, apresentados nas páginas seguintes.

O Quadro 01 apresenta como que um diagrama, onde se coloca em relação os três eixos de análise do Rorschach - localização, determinante e conteúdo -, relacionados na primeira coluna, com as três modalidades de crença religiosa primeiramente descritas por Pratt - perceptiva, emocional e intelectual -, relacionadas na terceira coluna. Na coluna central, são relacionadas as dimensões fenomenológicas apontadas por Merleau-Ponty (1945/1999), em "Fenomenologia da Percepção", e Husserl (1966/1998), em "A síntese passiva". As possíveis correspondências entre os conceitos seriam identificadas pela análise horizontal, cujo elemento central seria a dimensão do sentir, ou vivido de último plano - ali onde a vigília pode estar ausente. Este plano corresponderia também ao que Peirce designou como primeiridade, ou seja, o campo aberto às potencialidades do ser, e que estão na base da percepção e da linguagem.

Quadro 03: categorias fenomenológicas, eixos de análise do rorschach e modalidades de crença em pratt

EIXOS DE ANÁLISE NO RORSCHACH	CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS	MODALIDADES DE CRENÇA EM PRATT
Localização	<i>Atenção/Percepção</i> (Secundidade, em Peirce)	Perceptiva



<i>Determinante</i>	<i>SENTIR</i> (Vivido de último plano - Primeiridade, em Peirce)	<i>Emocional</i>
Conteúdo	<i>Significado/Linguagem</i> (Vivido de primeiro plano - Terceiridade, em Peirce)	Intelectual

O Método de Rorschach, no âmbito da localização, vai exigir do sujeito uma tarefa perceptiva, dada pela sua capacidade de manter a atenção suficientemente estável e concentrada nos estímulos visuais que lhe são apresentados e, ao mesmo tempo, "pela posse de engramas de formas nítidas" (Rorschach, 1921/1974, p. 58). Segundo Rorschach "quando as imagens-lembranças não forem nítidas (confabuladas, muitos débeis, orgânicos), também não será possível um reconhecimento de formas igualmente nítidas, de despertá-las, de trazê-las ao consciente" (idem); ou seja, o processo associativo pode ser perturbado em função de fatores orgânicos ou psicológicos. Ainda, no âmbito da localização, seria fundamental a capacidade de escolher, entre as imagens-lembranças disponíveis, aquelas que mais se assemelham ao conjunto de estímulos visuais. O que significa, então, que a atenção, neste caso, não seria dirigida apenas para o estímulo exterior, mas também para o interior, permitindo ou não um controle do próprio processo perceptivo e uma crítica interpretativa. Na mesma linha, então, do eixo da localização, situamos a crença perceptiva, designada por Pratt, cujo elemento básico seria também a percepção, seja de um dado estímulo que lhe vem de fora, seja de uma figura percebida como autoridade. Neste caso, o processo perceptivo privilegiaria os estímulos, alimentado por ou em detrimento das várias camadas da consciência: seja a do sentir, na sua expressão mais fundamental, seja a do pensar, em sua capacidade de disciplinar a função lógica.

No eixo dos determinantes, apreende-se o dinamismo pelo qual se manifesta o tipo de ressonância íntima, ou tipo de vivência, considerando-se as dimensões fenomenológicas de espaço, tempo e cor. Assim, ao centrar-se mais nos aspectos formais do estímulo, ou ao privilegiar os aspectos cinéticos ou cromáticos da prova, a afetividade básica pode mostrar-se mais estabilizada, mais internalizada ou mais à mercê dos estímulos externos (labilidade). Ou seja, as modalidades do sentir se potencializam no direcionamento da acuidade perceptiva e dos processos associativos durante o trabalho de assimilação dos estímulos (forma), ou como uma disposição individual para afetos mais intensivos e interiorizados (cinestesia), ou, ainda, numa disposição geral afetiva mais orientada para o exterior e, portanto, mais sujeita à mobilidade (cor). Nesta mesma linha, situar-se-ia a crença emocional,



no sentido em que a descreveu Pratt (1907), considerando-se a sua fonte direta do fundo de sentimento vital – ou vivido de último plano, em termos husserliano, e sua respectiva expressão no modo de apreender o mundo.

Com relação ao conteúdo, expressão final da tarefa paradigmática dada pelo Método de Rorschach, que reflete a transformação dos elementos pré-lógicos em linguagem, num exercício de atribuir um sentido – uma *gestalt*, ao conjunto de elementos percebidos, há um remetimento à função mais propriamente cognitiva e linguística – uma dimensão consciente e, portanto, de natureza intelectual. Ou seja, ao primeiro plano descrito por Husserl – os atos do *ego cogito*, e que, em termos das modalidades de crença descritas por Pratt (1907), corresponderia ao que ele chamou de crença intelectual: a que se sustenta sobre argumentos, sobre o racional, sobre a lógica formal. Viu-se que o próprio Rorschach (1921/1974), ao concluir seu Psicodiagnóstico, reconhece os elementos anteriores (os princípios formais do processo de percepção – localização e determinantes) como sendo prioritários na compreensão do como se processa a vida psíquica. O conteúdo das interpretações deveria, então, ser considerado num segundo lugar, representando senão uma parte da vida mental. Numa linguagem husserliana, poder-se-ia dizer: os conteúdos são atos de uma consciência egóica específica e que se constituem em uma forma particular de realização da intencionalidade dada pelo vivido de último plano.

Alguns autores, como são os casos de Anzieu e Chabert (1961/1987) e Pedrosa (1979), chegam a referir que, ao criar o seu método de interpretação das manchas de tinta, dirigindo-se "aos momentos dados, primários, chegando assim à diferenciação de diversos tipos de vivência" (Pedrosa, 1979, p. 90), Rorschach acabou criando a chamada psicopatologia estrutural, numa interessante aproximação dos mecanismos descobertos experimentalmente pela psicologia da forma (*Gestaltpsychologie*). De fato, a partir destes experimentos e, posteriormente, da própria experiência clínica, a compreensão de *self*, tal como dada mais tarde por Perls (conforme citado por Fadiman & Frager, 1986) far-se-á a partir de uma noção não estática e nem objetivável. Ou seja, o eu se identificaria "com qualquer experiência emergente da figura em primeiro plano". Assim, todos os aspectos do organismo (sensorial, motor, psicológico) identificar-se-iam temporariamente com a *Gestalt* emergente, sendo a experiência de si mesmo justamente essa totalidade de significações. Desta perspectiva, então, função e estrutura seriam idênticas.

Ora, o método de Rorschach tem, intuitivamente, a compreensão daquilo que Merleau-Ponty (1945/1999) aponta em sua fenomenologia da percepção:

Uma coisa não é efetivamente *dada* na percepção, ele é interiormente retomada por nós, reconstituída e vivida por nós enquanto é ligada a um mundo do qual trazemos conosco as estruturas fundamentais e do qual ela é apenas um das concreções possíveis (p. 438).

Neste sentido, a dimensão de corpo próprio é fundamental, pois que manteria "o



espetáculo visível continuamente em vida" (p. 273), animando-o e alimentando-o interiormente, formando com o mundo um sistema. Chama, portanto, a atenção, o fato de que, ao apresentar borrões simétricos, o método de Rorschach remete justamente a uma espécie de "geometria" que estaria em viva conexão entre a coisa - o mundo e as partes do próprio corpo. Como duas faces de um mesmo ato - certamente a experiência fundamental em causa: "tipo de ressonância íntima", como a chamou Rorschach (1921/1974), ou "fundo de sentimento vital", conforme a formulou Pratt (1907), a percepção do corpo próprio e a percepção exterior variam conjuntamente. É a essa relação que os determinantes - forma, movimento e cor - das respostas ao método parecem reenviar. Assim, muito mais que apontar uma personalidade estática, digamos assim, tais determinantes apontam para o processo, para as funções dinâmicas de estruturação de um modo de ser no mundo.

Um exercício de aproximação entre as principais categorias fenomenológicas, apreendidas a partir de uma leitura em Merleau-Ponty, e os determinantes das respostas no Rorschach e, ainda, as modalidades de crença descritas por Pratt, resultou na elaboração do Quadro 02, apresentado a seguir. Na coluna do meio, situam-se as categorias fenomenológicas, em cujo centro está a dimensão corporal - corpo / movimento, como princípio determinante de uma disposição afetiva individual. Na primeira coluna, portanto à esquerda da coluna central, situam-se os determinantes do Rorschach, numa clara analogia ao remetimento, dado pelo próprio método, a instâncias pré-lógicas e respectivo dinamismo da vida mental. Na segunda coluna, portanto à direita da coluna central, situam-se as modalidades de crença descritas por Pratt, também numa clara analogia ao seu método, de natureza sintagmática, remetendo a uma elaboração mental consciente das experiências fundamentais em causa.

Quadro 03: categorias fenomenológicas, determinantes no Rorschach e modalidades de crença em Pratt

DETERMINANTES DO RORSCHACH	CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS	MODALIDADES DE CRENÇA EM PRATT
FORMAL	<i>Percepção/Forma</i> (Categoria espaço)	Intelectual
<i>CINESTÉSICO</i>	<i>Corpo/Movimento</i> (Categoria movimento)	<i>Emocional</i>



CROMÁTICO	<i>Meio/Cor</i> (Categoria tonalidade)	Perceptiva
-----------	---	------------

Como pode constatar empiricamente o próprio Rorschach, o determinante formal expressa o grau de acuidade dos processos associativos durante o trabalho de assimilação, bem como a capacidade de disciplinar a função lógica ou o quanto esta última se apresenta automatizada, instalando-se por si própria. Assim, uma percentagem ótima de respostas formais seria reflexo de uma vida mental consciente suficientemente desenvolvida. Por outro lado, um excesso delas poderia se dar de maneira quase automatizada e em detrimento de uma vida afetiva mais flexível, levando à estereotipa ou ao dogmatismo. Alinhando-se com o aspecto formal do teste, resalte-se o aspecto fenomenológico do espaço, dado aqui no sentido propriamente estático. O determinante formal se sustenta sobre a distribuição do borrão no espaço físico delimitado e respectivos contornos. À direita desta mesma linha, relaciona-se a crença intelectual, descrita por Pratt (1907), considerando-se os seus determinantes, de primeiro plano, também racionais.

O determinante cinético, segundo constatações também empíricas do próprio Rorschach (1921/1974), estaria relacionado a uma energia disposicional interior e, portanto, revelador de um movimento predominantemente introversivo. Como relatado em mais detalhes em trabalho anterior (Freitas, 2005), Rorschach chegou às suas concepções sobre o valor e as funções da cinestesia a partir dos seus estudos sobre os sonhos, estes últimos compreendidos tanto em sua dimensão fisiológica quanto simbólica. As sensações de movimento, ligadas portanto ao corpo próprio, estão na base do seu entendimento sobre o dinamismo das respostas cinestésicas. Portanto, no eixo central desta linha, situam-se as categorias fenomenológicas de corpo e movimento. Encontrando sua fonte diretamente no fundo de sentimento vital; portanto, também na vida interior do organismo, a crença emocional descrita por Pratt é relacionada na extrema direita desta linha.

Por último, o determinante cromático, como disposição geral dada pela afetividade dirigida ao mundo exterior, mostra-se revelador de um movimento de extratensão: uma tendência a reagir de imediato aos estímulos do meio ou internos, acompanhada de uma inteligência mais reprodutiva que criadora. A categoria fenomenológica da tonalidade/meio ganha aqui a ênfase principal, conforme relacionado na coluna central. Na terceira coluna, relaciona-se, então, a modalidade de crença primitiva, descrita por Pratt, devido à sua particular identificação com uma espécie de consciência enredada ou, para falar nos termos em que se expressou Lévy-Brhul, de consciência "participativa".



À guisa de conclusão

A ideia básica sobre a qual pautaram-se as reflexões desenvolvidas ao longo deste ensaio é a de que a crença religiosa ou a descrença, tal como os demais elementos do psiquismo humano, guardam a mesma relação de filiação para com a dimensão das vivências - o mundo da vida (*Erlebnisse*), a que se refere a fenomenologia. Ao tentar dar conta desta relação de fraternidade que integra os diversos aspectos da vida mental, Peirce (1931-1958/1995) falou em "Primeiridade", Pratt (1907) formulou o conceito de "fundo de sentimento vital" e Rorschach (1921/1974) apresentou sua concepção de "tipo de vivência" ou "tipo de ressonância íntima".

Naturalmente que estes conceitos acima não podem ser considerados equivalentes, em seu sentido literal. O que há de comum entre eles, e que tornou-se como que o fio condutor ao longo das análises aqui apresentadas, é justamente o fato de refletirem um esforço de compreensão acerca das relações entre uma espécie de fundo irrefletido e a atividade reflexiva que caracterizam a existência humana. E é a partir disso que se pode concluir que, de um ponto de vista fenomenológico, ainda que representando o *Zeigeist* de onde inseridos, tanto Pratt e Rorschach buscaram reenviar, por meio de seus conceitos e instrumentos - e cada um a seu modo, às contínuas transformações e às diferentes modalidades de realizações da intencionalidade psíquica.

Querendo ou não, não há como negar que a psicologia contemporânea - e não só a psicologia da religião! -, de um modo ou de outro, ainda se vê à volta com tais questões.

Referências

- Abreu e Silva, N. N. (1999). *Psicologia da Religião: uma introdução*. (Manuscrito não publicado, Leitura para alunos da disciplina "Psicologia da Religião" do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF).
- Abreu e Silva, N. N. (2004). Hermann Rorschach e a psicologia dos fundadores de seitas. Em C. E. Vaz & R. L. Graef (Orgs.). *Técnicas Projetivas: produtividade em pesquisa* (pp. 465-470). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anzieu, D. & Chabert, C. (1987). *Les méthodes projectives*. Paris: PUF. (Original publicado em 1961).
- Augras, M. (1998). *A dimensão simbólica*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1980)
- Bash, K. W. (1967b). Tabula undecima - Seu smaragdina. Em K. W. Bash (Org.). *Hermann Rorschach: obras menores e inéditas* (pp. 305-337). (A. G. Miralles, Trad.). Madrid, Espanha: Morata. (Original publicado em 1964).



- Beit-Hallahmi, B. (1989). *Prolegomena to the psychological study of religion*. Lewinsburg: Bucknell University Press; London,: Associated University Presses.
- Binswanger, L. (1967), Observaciones acerca del "Psicodiagnostico" de Hermann Rorschach. Em K. W. Bash (Org.). *Hermann Rorschach, Obras menores e inéditas* (pp. 228-240). (A. G. Miralles, Trad.). Madrid, Espanha: Morata. (Original publicado em 1923).
- Brown, L. B. (1988). *The psychology of religious belief*. London: Academic Press Limited. (Original publicado em 1987).
- Byrnes, J. F. (1984). *The Psychology of Religion*. New York: The Free Press - Macmillan ; London : Collier Macmillan Publishers.
- Cassirer, E. (1973). *Le sens comum - Langage et mythe: à propôs desnoms de dieux* (O. Hansen-Love, Trad.). Paris: LesÉditions de Minuit. (Original publicado em 1925).
- Ellenberger, H. (1967). Vida y obra de Hermann Rorschach (1884-1922). Em K. W. Bash (Org.). *Hermann Rorschach: Obras menores e inéditas* (pp. 25-103). (A. G. Miralles, Trad.). Madrid, Espanha: Morata. (Original publicado em 1954).
- Fadiman, F. & Frager, R. (1986). *Teorias da Personalidade* (O. G. Pinheiro Coord. e Trad.; C. P. Sampaio & S. Safdié, Trads.). São Paulo: Harbra. (Original publicado em 1976).
- Freitas, M. H. (2002). *Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Freitas, M. H. (2005). As origens do método de Rorschach e seus fundamentos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25, 100 - 117.
- Freitas, M. H. (2006). Modalidades de crença religiosa segundo J. B Pratt. Em M. A. Ribeiro & M. H. Freitas. *Psicopatologia, processos de adoecimento e promoção da saúde* (2a ed. revisada, pp. 307-340). Brasília: Universa.
- Ghesti, I. (2000). *Em busca de interpretantes para a questão da linguagem em Psicologia a partir das concepções de C. S. Peirce*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Husserl, E. (1967). *A filosofia como ciência de rigor*. São Paulo: Centro Acadêmico de Filosofia da Faculdade de Filosofia da USP. (Tradução não publicada). (Original publicado em 1911).
- Hussel, E. (1981). Pure phenomenology, its method and its field of investigation. Em P. McCormick & F. A. Elliston. (Orgs). *Husserl: shorter works* (pp. 10-17). (R. W. Jordan, Trad.). Notre Dame, Estados Unidos da América: University of Notre Dame. (Originals de 1917, publicado em 1928). Recuperado em 24 de junho, 2012, de bearspace.baylor.edu/Scott_Moore/www/essays/Husserl.html



- Husserl, E. (1996). *A crise da humanidade européia e a filosofia* (U. Zilles, Trad.). Porto Alegre: EDIPUCRS. (Original de 1936, publicação póstuma em 1954).
- Husserl, E. (1998). *De lasynthèse passive*. Grenoble, França: Jérôme Millon. (Original publicado em 1966).
- Husserl, E. (2000). *A idéia da fenomenologia* (A. Mourão, Trad.). Lisboa, Portugal: Edições 70. (Original publicado em 1950).
- Jung, C. G. (1956). *L'énergétique psychique*. (Yves de Lay, Trad.). Genève, Suíça: Librairie de L'université Georg & Cie. (Original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (1975). *Memórias, sonhos e reflexões* (A. Jaffé, Ed.; D. F. da Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1961).
- Jung, C. G. & Wilhelm, R. (1984). *O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês*. (D. F. Silva & M. L. Appy, Trads.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1929).
- Klopfer, B. & Kelly, D. (1974). *Técnica del psicodiagnóstico de Rorschach*. (D. Carnelli, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1942).
- Langer, S. K. (1989). *Filosofia em nova chave* (J. Meiches & J. Guinsburg, Trads.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1941).
- Mccully, R. S. (1980). *Rorschach: teoria e simbolismo - uma abordagem junguiana* (V. L. B. Souza, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1971).
- Merleau-Ponty, M. (1971). *O visível e o invisível* (J. A. Giannotti & A. M. D'Oliveira, Trads.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1964).
- Merleau-Ponty, M. (1980). A linguagem indireta e as vozes do silêncio. Em M. S. Chauí (Org.). *Maurice Merleau-Ponty: textos selecionados* (pp. 89-123). (M. S. Chauí, Trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1952).
- Merleau-Ponty, M. (1989). *O primado da percepção e suas consequências filosóficas* (C. M. Cesar, Trad.). Campinas: Papirus. (Original publicado em 1947).
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1945).
- Mourão, L. (1997). *O futuro ancestral: tradição e revolução científica no pensamento de C. G. Jung*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Paiva, G. J. (1990). Psicologia da religião na Europa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 42(3), 88-99.
- Palmer, M. (2001). *Freud e Jung: sobre a religião*. (A. U. Sobral, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1997).



- Pedrosa, M. (1979). *Arte, forma e personalidade*. São Paulo: Kairós.
- Peirce, C. B. (1995). *Semiótica* (J. T. Coelho Neto, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Originais publicados em 1931-35).
- Pratt, J. B. (1907). *The psychology of religious belief*. New York: MacMillan.
- Pratt, J. B. (1921). *The religious consciousness: a psychological study*. New York: MacMillan.
- Rosa, M. (1992). *Psicologia da religião*. Rio de Janeiro: JUERP. (Original publicado em 1979).
- Rorschach, H. (1967a). Alucinacion Refleja y simbolismo. Em K. W. Bash (Org.). *Hermann Rorschach: obras menores e inéditas* (pp. 248-289). (A. G. Miralles, Trad.). Madrid: Morata. (Original publicado em 1912).
- Rorschach, H. (1967b). Los fundadores de sectas suizas (Binggeli-Unternährer). Em K. W. Bash (Org.). *Hermann Rorschach: obras menores e inéditas* (pp. 248-289). (A. G. Miralles, Trad.). Madrid: Morata. (Original publicado em 1927).
- Rorschach, H. (1967c). Sobre las "alucinaciones reflejas" y otras manifestaciones analogas. Em K. W. Bash (Org.). *Hermann Rorschach: obras menores e inéditas* (pp. 107-152). (A. G. Miralles, Trad.). Madrid: Morata. (Original publicado em 1912).
- Rorschach, H. (1967d). Sobre las sectas suizas y sus fundadores. Em K. W. Bash, K. W. (Org.). *Hermann Rorschach: obras menores e inéditas* (pp. 201-207). (A. G. Miralles, Trad.). Madrid: Morata. (Original publicado em 1917).
- Rorschach, H. (1974). *Psicodiagnóstico* (M. S. V. Amaral, Trad.). São Paulo: Mestre Jou. (Original publicado em 1921).
- Wulff, D. M. (1997). *Psychology of religion classic and contemporary*. New York: John Wiley & Sons.

Nota sobre a autora

Marta Helena de Freitas. Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, com pós-doutoramento em Psicologia da Religião, realizado no *Religious Studies Department, School of European Culture and Languages* da *University of Kent at Canterbury*, Reino Unido. Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília. E-mails: mhelena@ucb.br e mhelenadefreitas@gmail.com

Data de recebimento: 24/06/2012

Data de aceite: 07/03/2013